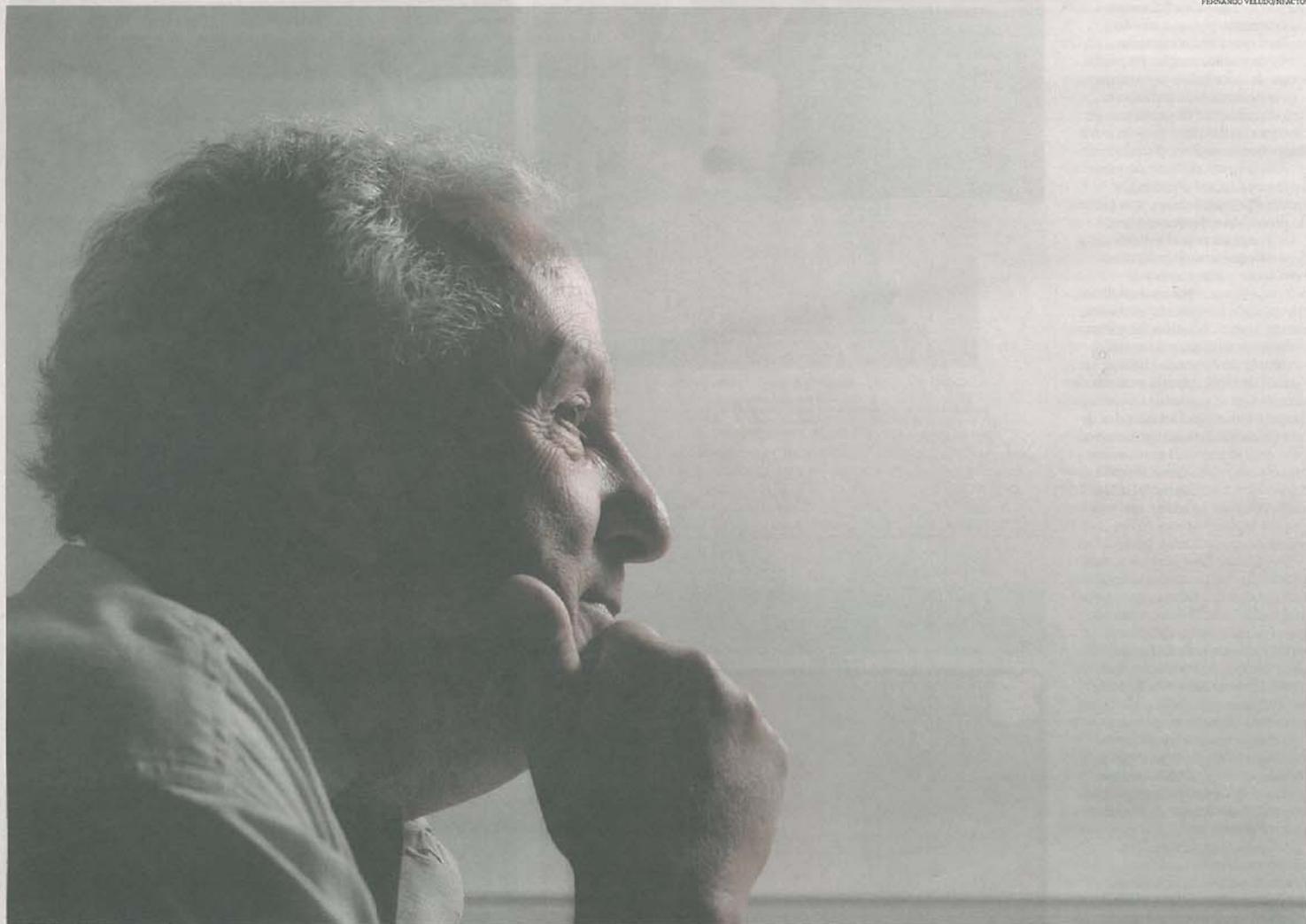


# Alexandre Quintanilha

## O mundo, competitivo como está, autodestrói-se

Diz-se um optimista. Mas diz também que a Humanidade atravessa uma fase de mudanças bruscas, na Economia, como na Ciência, que exigem uma noção dos riscos, na tomada de decisões. E é para alcançar essa noção que servem a arte e o conhecimento, avisa Alexandre Quintanilha, um cientista a ler o planeta a partir de Portugal. *Por Abel Coentrão*

FERNANDO VIELLO/REACTOS



● Ele acredita, e pede desculpa por não se lembrar se foi [Roland Barthes ou [Maurice] Blanchot que o disse, que a literatura o ajuda a respirar. E a Alexandre Quintanilha, cientista português, que, há anos, ainda nos EUA, estudou as propriedades do oxigénio, outra das coisas fundamentais para a respiração, a frase não podia assentar melhor. Nem que seja para rebater a provocação de Tarkowski, citado durante a sua apresentação, e que um dia terá dito que "a arte não pode ensinar nada a ninguém, porque, em milhares de anos, a Humanidade não aprendeu absolutamente nada". Quintanilha até acredita que o Homem, nos últimos sete séculos, encetou um processo "de aquisição contínua de autonomia, de liberdade, de democracia", mas admite que estamos numa fase "crítica". Em Ciência e não só. "Estão a acontecer muitas coisas que não estavam previstas. Temos de ter muito cuidado nas escolhas que vamos fazer para o futuro."

Convidado no sábado passado para uma sessão do ciclo de encontros *Derivas Artísticas*, promovido pela Associação Circular, de Vila do Conde, este investigador que há anos vem exercitando uma costela de divulgador da ciência aceitou reflectir sobre a pergunta "para que servem a arte e o conhecimento em geral?". Questão difícil de responder, quando são dez da noite e se tem um voo para apanhar às seis da manhã. Questão respondida quando se percebe, uma hora e meia depois, que, a Alexandre Quintanilha, essa mesma arte e esse mesmo conhecimento – que vai para além da investigação em Biologia, Ambiente ou Física Aplicada que lhe enchem o currículo – o ajudaram a formar uma noção equilibrada do risco que envolve muitos dos dilemas com que estamos, actualmente, confrontados.

Pedem-lhe que fale sobre arte e conhecimento, mas é essencialmente sobre a noção de risco – que ambas ajudam a conformar, argumenta –, que lhe apetece falar. O lugar chama-se Centro de Memória, nome a jeito para alguém que começa por nos lembrar como a mesma Humanidade que nos livros, desde Adão e Eva, Prometeu e outras personagens famosas, castigava a curiosidade e a imaginação, passou, nos últimos seis séculos, a tolerá-la, primeiro, e a estimulá-la, depois. Alguém que, quando nos recorda que a Ciência, através da Genética, já passou a fronteira da criação das primeiras formas, ainda que simples, da vida sintética, vê, nesses e noutros passos, muitos riscos. Conclui: "É óbvio que vamos ter que ter muito cuidado, é óbvio que vamos ter de definir prioridades de investimento na investigação. Agora não é realista pensarmos que se impedirmos essa curiosidade e imaginação, ela não vai florescer noutro sítio qualquer, onde as leis sejam mais permissivas".

Já numa entrevista tinha dito que "não é o conhecimento que é perigoso. É o que fazemos com ele". Mas não se pode dizer de um homem que vivia na África do Sul quando o Dr. Barnard fez no país o primeiro transplante de coração; que estava em São Francisco quando a comunidade médica e científica se confrontou com os primeiros casos de VIH, nos idos de 1980, e que, a partir de Portugal, acompanha a par e passo a evolução da Biogenética, que seja um pessimista. À frente de umas 50 pessoas, a convocar o mundo de pé, está até alguém com

"uma tendência" para o optimismo. Mas esta é a mesma pessoa que, assumindo-se um fruto da globalização – "não sei se passarei os próximos 20 anos na Nova Zelândia", atrai –, acredita, por outro lado, que "o mundo, competitivo como está, autodestrói-se. E que vincará, já no final do debate com o público, a necessidade de encontrarmos um balanço "na tensão egoísmo-generosidade", a que estamos sujeitos.

Nam mundo que demorou séculos a pôr em prática – e ainda não o fez totalmente – valores como a democracia ou a liberdade religiosa, a Alexandre Quintanilha, que faz questão de assinalar que é mais velho que a Declaração Universal de Direitos do Homem, preocupam-no as mudanças, "terríveis", dos anos mais recentes. "A instabilidade de mercados, a insegurança laboral, as desigualdades, a crise de valores, os fundamentalismos. Todas estas coisas estão a aumentar. E passa um *slide* em que mostra como todos os avanços recentes conseguidos em áreas como a saúde ou a produção alimentar não só não resolveram os problemas de uma boa parte da humanidade como, por outro, estão a gerar, por excesso, novos problemas entre a parte de nós que teve acesso a esses ganhos, pondo os portugueses, por exemplo, no terceiro lugar dos países que mais calorías consomem, à frente dos EUA.

#### Ver com novos olhos

A resolução deste e de outros problemas exige capacidade de ponderação, a tal noção de risco, que depende, explica Quintanilha, de três factores: "Da literacia estatística, da nossa visão robusta ou frágil do planeta – que leva a que uns acreditem que ele aguentará com tudo o que lhe fizermos, por exemplo, e que outros duvidem da sua capacidade para nos aguentar muito tempo – e da confiança que temos nas instituições". Como exemplo do primeiro factor, que poderia servir para o terceiro, mostra o gráfico com o resultado de um inquérito a médicos de Oncologia: "Se uma mulher faz uma mamografia e o resultado é positivo, qual é a probabilidade estatística de essa mulher vir a ter cancro?" A resposta verdadeira é 7%, mas as respostas dos "médicos supostamente conhecedores" desta matéria variam entre os dois e os 90%. Vocês não acham isto chocante? Eu acho chocante, que não saibam interpretar probabilidades".

Se outro exemplo fosse preciso, eis, literalmente pela nossa saúde, para que serve o conhecimento, e a sua importância num momento da nossa existência em que, seja na Economia, seja na Ciência, os desafios que se colocam ao planeta são "enormes". E onde entra aqui a arte? Aos 18 anos, confessa, Proust mudou-lhe "a vida e a forma de estar no planeta" com a sua longuíssima [*Em*] *Busca do Tempo Perdido*, a "Bíblia" deste cientista. Foi ele que escreveu que "a viagem da descoberta consiste não em achar novas paisagens, mas em ver com novos olhos", relê Quintanilha, que, na sua faceta de optimista, terminou a conversa com outra citação luminosa, de Richard Rorty no caso. "Take care of freedom and truth will take care of itself". Com direito à sua "tradução": "Se formos livres para fazer perguntas, para exercitar a imaginação, vamos descobrir aquela que é, para nós, a verdade".

**TNSC**  
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS  
TEMPORADA 2011-12

ORQUESTRA  
SINFÓNICA  
PORTUGUESA

**CICLO HOMENAGEM A LISZT**  
BICENTENÁRIO LISZTIANO (1811-1886)

26 NOVEMBRO · 21h  
Teatro Nacional de São Carlos

**Bach-Respighi**  
*Passacaglia, BWV 582*

**Franz Liszt**  
*Concerto n.º 1 para piano e orquestra*  
*Malédiction, S. 121*

**Johannes Brahms**  
*Sinfonia n.º 3, op. 90*

direcção musical  
**Johannes Stert**  
piano  
**Hong Xu**

**Orquestra Sinfónica Portuguesa**

Bilhetes entre 10€ e 20€  
Disponíveis  
50% para menores de 18 anos  
35% para maiores de 25 anos e maiores de 45

www.tnsc.pt | TEL: 21 251 1142/43  
Rua da Igreja, 100 - 1010-010 Lisboa  
9178

Terceira 400 Millennium